

Democracia

Fotos: Wesley Ortiz/Topixida News



Em meio a pouco mais de 200 pessoas, manifestantes pediam a volta da ditadura e intervenção militar; avanço da extrema-direita ameaça a democracia

Volta da ditadura e intervenção militar foram destaques na Capital

Apesar de tímidas, manifestações de domingo deram voz à extrema-direita

Victor Barone

Alguns milhares de brasileiros foram às ruas ontem, em diversas capitais, para se manifestar em favor da Operação Lava Jato, pelo fim do foro privilegiado, contra o voto em lista fechada, contra políticos envolvidos na Lava Jato e pelo fim do desarmamento. Longe de reunir as centenas de milhares de pessoas que se mobilizaram nas últimas demonstrações públicas, as ações do domingo — organizadas pelos movimentos Brasil Livre, Vem Pra Rua e NasRuas — mostraram o enfraquecimento da mobilização popular. É uma pena. Independentemente do cunho ideológico — organizadas por forças de direita ou esquerda — essas manifestações têm sido a única forma de fazer ouvir o clamor popular por aqueles que, de fato, deveriam estar sempre ligados no que diz o povo: os políticos.

Em Campo Grande, a manifestação reuniu cerca de 200 pessoas na avenida Afonso Pena, segundo estimativa da Polícia Militar. Temas como a reforma da Previdência ficaram de fora da manifestação. Segundo a coordenadora regional do NasRuas, Fabrícia Salles, para não “seguir as pautas dos petistas”. Para o NasRuas, o Movimento Brasil Livre e o Vem Pra Rua, não fazer coro ao PT e à esquerda parece ser mais importante do que conter o radicalismo da extrema-direita que tem surgido sob suas bênçãos nas manifestações Brasil agora.

Na manifestação realizada na Capital este extremismo foi marcante. Faixas pedindo a volta da ditadura e da intervenção militar se destacaram entre as demais. Usando das benesses que a liberdade de expressão lhes permite em um regime democrático, estas pessoas defendem, exatamente, o fim dos direitos civis, de reunião, de ir e vir e, finalmente, a própria liberdade de expressão que utilizam para se posicionar.



Em nome de uma pureza ética imaginária, manifestantes defendem volta do regime autoritário regido pelos militares

Liberdade de expressão deve ser usada para defender o fim da liberdade?

A liberdade é um direito fundamental dos brasileiros, segundo a Constituição de 1988, que garante a livre manifestação do pensamento e a livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença. É também um direito assegurado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, promulgada pela Organização das Nações Unidas.

É a partir da reivindicação desse direito que surgiram as democracias modernas, em que não é permitida a censura a qualquer pessoa por parte do governo ou de qualquer entidade. Numa democracia, a ideia é que haja pluralidade de pensamento e, consequentemente, a manifestação de ideias, ideais e valores, levando a discussões e diálogos. Todas as vezes em que a liberdade de expressão começa a ser restringida, a diversidade de pensamento é afetada diretamente e, assim, começa a surgir o autoritarismo.

Assim como qualquer outra liberdade, no entanto, a liberdade de expressão tem limites: a Constituição proíbe, por exemplo, o anonimato, a fim de que ninguém deixe de lidar também com as consequências do que fala. Também são proibidas ofensas que firam a dignidade da pessoa, sua integridade e imagem. Existe uma lei que tipifica racismo como crime; logo, piadas, xingamentos ou quaisquer formas de opressão a pessoas negras podem e devem ser punidas.

É correto, portanto, usar a liberdade de expressão para defender a implantação de regimes totalitários? Para o professor de filosofia da USP (Universidade de São Paulo), Vladimir Safatle, não. Para ele, aqueles que defendem a volta da ditadura militar deveriam ser presos por apologia ao crime.

O historiador Leandro Karnal, professor da Unicamp (Universidade de Campinas) é mais comedido, embora não menos crítico. “Quando eu vejo alguém defendendo a volta dos militares, eu olho para a idade. Se for um jovem, eu me sinto no dever de explicar o que é o arbítrio, o que é cassação de direitos, como o habeas corpus, o que foi o AI-5, o que é tortura de mulheres grávidas, o que é o fim da liberdade de imprensa, o que é a barbárie da concentração de renda durante a ditadura militar. Se for uma pessoa de idade, eu atribuo a falta de memória que a idade pode estar provocando na pessoa”, afirma.

Para Karnal, não há como defender eticamente e moralmente num plano mínimo de humanidade, a intervenção militar. “Nossos problemas foram piorados pela ditadura. É muito importante lembrar que não se deve nunca questionar a democracia. Deve-se aperfeiçoá-la”. O historiador diz ainda que, diferentemente do que argumentam seus defensores, a ditadura no Brasil não foi um período de moralidade ética. “É preciso estudar o que é a barbárie da ditadura, a quantidade enorme de escândalos financeiros de gente que enriqueceu ilicitamente

acobertada por militares. É preciso insistir nisso para que as pessoas não fiquem achando que agora é que nós temos estes problemas.”

Quem são os brasileiros que defendem a volta da ditadura nas manifestações?

Esta reportagem não pode mensurar quantos campo-grandenses, entre os 200 que se manifestaram ontem na Afonso Pena, defendem a volta da ditadura e a supressão de direitos civis no Brasil. Os organizadores da manifestação podem sustentar que são poucos, um número insignificante diante dos demais participantes. Na verdade são muitos, sob o ponto de vista simbólico.

“Apesar do respeito ao direito que têm de se expressar, porque ao fazê-lo reforçam a expressão máxima da democracia, na grandeza de acolher a voz até mesmo de quem exige o seu fim, me reservo o direito de, por um momento, escolher a ingenuidade. Prefiro acreditar que vocês não sabem do que falam nem o que pedem. Não podem saber. Se soubessem, não ousariam”, reflete a jornalista Eliane Brum ao comentar o fenômeno do crescimento da extrema-direita no âmbito nacional.

Ela tem razão. Não sabemos quem são os brasileiros que gritam nas ruas pedindo a volta da ditadura. Desconhecemos as pessoas que clamam por intervenção militar como se isso não fosse uma vergonha, uma indignidade, e sim a prerrogativa de cidadãos de bem. “Sei que são pessoas, porque só humanos são capazes de algo tão brutal”, diz a jornalista.